

O QUE FAZ UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO NA ANTROPOLOGIA?

Jean Segata

Professora de Antropologia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Talvez essa pergunta – a do que faz um animal de estimação na antropologia – valha menos por suas possíveis respostas do que por algum exame dela em si. O *faz* da questão vem com dois sentidos aqui. Um deles é o do tom de “lugar ocupado”, e responde por uma demanda crescente de trabalhos sobre as relações entre homens e animais. O que se tem chamado, por alto, de uma *Virada Animalista na Antropologia*, e que tem motivado diversos debates, especialmente na França e, recentemente, no Brasil. É claro que o tema conta com longa data na disciplina. O gado dos Nuer de Evans-Pritchard ou os animais e as plantas domesticadas de Georges Haudricourt são apenas alguns dos exemplos mais evidentes. Mas a questão emergente no debate antropológico diz respeito ao lugar que esses animais passaram a ocupar na maneira como temos descrito aquilo que entendemos como composição do social. Trata-se de algo que pode muito bem ser resumido na provocação que Latour (2008: 26) elabora, ao contestar que as coisas, os fenômenos, os animais e toda a sorte de entes que cabem na fórmula de não humano, “deben ser *actores* y no simplemente los infelices portadores de una proyección simbólica”. Mas que se considere nisso a ideia de que não há atores em si, aqui ou acolá, à espera de serem marcados na etnografia. O desafio lançado nessa perspectiva não é o de identificar quem ou o que é um ator, mas *quando é*. O foco está nas associações, nos efeitos, nas contingências ou naquilo que faz fazer na relação. Nesse caso, por alto, o animal provoca, aqui, uma redefinição da própria ideia de agência e, por conseguinte, de social.

118

Mas há também uma outra forma de se pensar aquele *faz*, e nesse caso, ele enquanto produção. A isso eu me refiro aos efeitos que a dita virada animalista têm produzido na própria teoria antropológica. Em monografias recentes, inspiradas em tendências formadas por Tim Ingold, Philippe Descola ou Eduardo Viveiros de Castro, nota-se a presença protagonista ou simétrica de animais e humanos enquanto agentes de relação. Mas a questão é que entre esses animais e aqueles pelos quais eu me interessei, os de estimação, há uma distância marcada, que faz aparecer, em igual proporção, a própria distância entre algumas formas de se praticar antropologia e os seus diferentes campos de estudo.

Claro é que há diferenças teórico-metodológicas ou de contextos etnográficos entre os autores que mencionei, mas num todo, eles são referências naquilo que no Brasil se convencionou tratar como etnologia. Claro também é que a ideia de animal de estimação faça parte desses contextos e que as formas de identificação e relação com as quais a antropologia os têm descrito naqueles contextos e nos contextos urbanos são particulares. A distância a que me refiro é aquela marcada na já tão tormentosa distinção “nós”/“eles”, que em alguma medida foi condição constituidora da antropologia e que mais do que uma problemática disciplinar, passou a ser um enfrentamento moral no debate contemporâneo.

Para esclarecer, o meu trabalho com animais de estimação se deu, primordialmente, por meio de uma etnografia realizada em *pet shops* e clínicas veterinárias na cidade de Rio do Sul, no interior do Estado de Santa Catarina (Segata, 2012b). Ali, eu me investi em um trabalho sobre o desenvolvimento de diagnósticos e tratamentos médico-veterinários cada vez mais sofisticados, sustentados pelo uso de equipamentos da chamada “alta tecnologia médica”, equiparados em valor, funcionalidade e eficiência, àqueles de uso entre humanos. A minha linha de defesa era a de que essas tecnologias facilitavam a relação entre os humanos e os seus animais de estimação, no que eu chamei de produção de semelhança.

Como resultado desse trabalho, eu passei a apresentar e publicar trabalhos onde o destaque eram cães com colesterol e hipertensão, outros que eram utilizadores de aparelhos ortodônticos, com a função de tornar as suas mordidas as mais naturais o possível conforme as características programadas em suas raças. E não escaparam também os cães constipados, frutos infelizes de dietas cada vez menos nutritivas da nossa geração “fast food”. Nesse caminho ainda, apareceram os gatos com problemas renais, e os seus sofríveis procedimentos para a retirada de cálculos de suas bexigas e uretas. Não faltou a gravidez psicológica de cadelas e, acima de tudo, o que veio a ser o objeto de minha maior atenção: os cães diagnosticados com depressão e que passaram a ter a sua “qualidade de vida” mantida pelo uso de psicotrópicos à base de fluoxetina (Segata, 2011; 2012a; 2013c).

As reações a esses casos foram muito diversas, quando apresentadas em alguns encontros de nossa disciplina. Primeiro, porque, por bem ou mal, em geral aconteceram em espaços que por si davam algum enquadramento prévio ao trabalho, em Grupos de Trabalho - GT sobre medicalização, ciência e tecnologia, sobre subjetividade e violência, e só mais recentemente no campo das relações entre humanos e animais propriamente dito. Ali, entre os muitos modos como isso já foi debatido, eu sempre considerei interessante o quanto a ideia de absurdo, de curiosidade e exotismo permeava as falas dos debatedores e de muitos que intervinham. E não faltaram os risos - aqueles que como bem escreveu Nietzsche, ajudam-nos a manter a distância de certos temas. Acontece que aqui eu os vejo como centrais, pois afinal de contas, levou muito tempo para que a antropologia deixasse de fazer aquilo que Roy Wagner já chamou de antropologia de museu de cera, nessa dificuldade digerir sua fetichização do extraordinário. Para ser mais direto, o que eu quero dizer é que a afirmação da humanidade de um jaguar que bebe cauim, de um macaco que avisa sobre a caça, de um pecari que guerreia pelo ponto de vista ou até mesmo de uma pedra viva é muito interessante para a antropologia, não porque nos dê algum indicativo do que são precisamente esses entes, mas porque nos ajudam a entender o mundo dos humanos que se arranjam com isso - e isso, sabemos, tem aparecido com frequência como argumento que sustenta uma outra virada, a ontológica (Viveiros de Castro, 2002). Mas, os risos que são produzidos por animais cardíacos ou depressivos revelam um pouco da antropologia dupla-face que ainda praticamos.

Em um contexto etnológico, o enunciado de que uma sucuri é gente é muito sério e exige do antropólogo a expertise do diálogo metafísico entre as concepções de humanidade dele e aquelas do nativo. Já no meio em que eu tenho trabalhado, uma boa parte de nós, aparentemente, *sabe* que um “bebezinho da mamãe” é, na verdade, apenas um cachorro, e que “bebezinho” e “mamãe” são fórmulas condensadoras de uma maneira já inculcada entre nós para se falar de afeto, carinho ou cuidado. Os “outros” podem ser animistas, perspectivistas ou totemistas. Nós, os solidários “estendedores” de nosso bem maior, a humanidade. E que fique claro que eu não estou reivindicando um

lugar particular para os animais de estimação ou ainda uma categoria que nos explique, para além da malgrada etiqueta de ontologia naturalista. Torcendo para cá uma inspiração que vem de Joanna Overing (1985), minha questão é: por que o nosso modo de entendimento sobre a humanidade dos animais do “eles” é literal e a do “nós” é metafórica?

Talvez tenhamos aqui um bom indicativo de que entre as muitas invenções dos modernos encontra-se a antropologia e a sua ideia de humanidade. Sim, porque no primeiro caso, como já bem situou Latour (2009), “moderno é aquele que acredita que os outros acreditam”, e no segundo caso, assim como o individualismo criticado por Dumont (2003), a ideia de humanidade também carece de um *recall*, que a relativize no interior de uma ideologia particular de um lugar e de um momento da história, sob a pena de continuarmos a fazer com que ela repercuta negativamente no próprio conhecimento antropológico. Ou seja, o que eu quero dizer é que eu não trabalhei com animais de estimação humanizados - eu trabalhei com Belinha, com Pink, com George e outros seres singulares que não eram animais, nem cães, e nem uma raça, mas uma contingência, o efeito de uma relação entre entidades instavelmente identificadas como humanas e animais. Contudo, em alguma medida, ainda faltam-me alternativas para pensá-los fora de uma humanidade genérica e metafórica que englobasse todas as suas particularidades e fizesse desaparecer suas animalidades e singularidades.

Enfim, para mim, um animal de estimação na antropologia não faz apenas as vezes de um objeto de novas pesquisas. Ele faz aparecer a contingência que produz tanto nossas animalidades quanto nossas humanidades, numa maquinaria de negação e diferença. Mais que isso, talvez ele force a visibilidade de um conjunto de valores que ainda levam nossa disciplina a operar a partir de uma matriz assimétrica que divide o nós do eles na ainda persistente modernidade da própria antropologia.

Referências

DUMONT, Louis. 1993. “Do Indivíduo Fora do Mundo ao Indivíduo no Mundo”. In: _____. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 33-68.

LATOUR, Bruno. 2008. *Reensamblar lo Social: una introducción a la teoria del actor-red*. Buenos Aires, Manantial.

_____. 2009. *Sur le Culte Moderne des Dieux Faitiches*. Paris: La Découverte.

OVERING, Joanna. 1985. “Today I shall call him, ‘Mummy’: multiple worlds and classificatory confusion”. In: _____. (ed.). *Reason and Morality*. ASA Monograph 24. London: Tavistock Publications, p. 152-179.

SEGATA, Jean. 2011. Tristes Amis: la médicalisation chez les chiens de compagnie avec dépression dans le sud du Brésil. *I Congrès d’Association Française d’ethnologie et d’anthropologie - AFEA*. Paris: EHESS, p. 56-62.

_____. 2012a. “Tristes (Psycho)Tropiques: le monde des chiens dépressifs au sud du Brésil”. In: Frédérick Keck; Noëlie Vialle (eds.). *Des Hommes Malades des Animaux*. 8ed.Paris: L’Herne, p. 151-158.

_____. 2012b. *Nós e os Outros Humanos, os Animais de Estimação*. [Tese de Doutorado]. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

_____. 2012c. "Os Cães com Depressão e os seus Humanos de Estimação". *Anuário Antropológico*, 2: 177-204.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. “O Nativo Relativo”. *Mana*, 8(1): 113-148.

JEAN SEGATA

Jean Segata

Professora de Antropologia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Currículo Lattes

123